

HISTÓRIAS DA AIDS EM QUADRINHOS: PÍLULAS AZUIS, DE FREDERIK PEETERS, E MORTE, DE NEIL GAIMAN E DAVE MCKEAN

MAYARA LUTZ MACHADO; RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES

Universidade Federal de Pelotas – lutzmayara@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – ricardohaa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta uma investigação sobre a relação do HIV/aids com as Histórias em Quadrinhos (HQs), a partir do projeto unificado com ênfase em pesquisa “Histórias da arte e histórias da aids desde o Brasil: discursos sobre o corpo e a enfermidade na arte contemporânea”. A pesquisa procura analisar de maneira comparativa duas HQs, *A Morte Fala da Vida*, escrita por Neil Gaiman e ilustrada por Dave McKean, publicada originalmente em 1991 como parte da revista Sandman, e *Pílulas Azuis*, de 2011, escrita e desenhada por Frederik Peeters. Procura-se investigar as semelhanças e diferenças entre elas, tendo em vista a abordagem da enfermidade e a sua diferença temporal, que corresponde ao período pré e pós-tratamento do HIV, que modificou completamente a situação da doença: a partir do aperfeiçoamento das medicações em meados da década de 1990, a enfermidade tornou-se uma condição crônica. Além disso, pretende-se analisar o caráter autobiográfico e informativo das obras, buscando também compreender os estigmas e as metáforas abordadas nas histórias.

Como ponto de partida foram utilizados os trabalhos de autores como Alexandre Nunes de Sousa (2016) que, em *Da Epidemia Discursiva à Era Pós-Coquetel: Notas Sobre a Memória da Aids no Cinema e Na Literatura*, discute as narrativas cinematográficas e literárias acerca dos tratamentos antirretrovirais (ARV) e como a percepção social da doença mudou ao longo dos anos a partir do desenvolvimento do tratamento bem-sucedido do HIV. Para Souza, é notória a mudança nos discursos da doença, tendo em vista que, nas narrativas anteriores ao coquetel, era frequente a associação direta entre a enfermidade e a morte. A partir da segunda metade dos anos 1990, com a distribuição dos medicamentos, a forma de ver a doença muda, resultado de um processo de cronificação, ou seja, a doença deixa de ser diretamente associada com a morte e passa a ser entendida como condição crônica.

No campo das artes visuais, Ricardo Henrique Ayres Alves (2021) estabelece, por meio de uma análise que debate o HIV/aids, as conexões entre as obras dos artistas Keith Haring, Pepe Espaliú e Leonilson que, em diferentes contextos, produziram seus trabalhos acerca da doença. Assim como Souza, ele menciona a contribuição de Susan Sontag (2007) para o debate sobre a enfermidade.

Sobre o trabalho de Peeters, destaco como referência a pesquisa de Lídia Maria Guimarães de Miranda (2019) que, em seu trabalho de conclusão de curso, analisou as metáforas de *Pílulas Azuis* e a sua ligação visual e textual com os estigmas relacionados ao HIV. Além dele, foram consultados outros estudos sobre a obra do artista (SILVA, 2018; GRAVATA, 2023). Sobre a obra de Gaiman, destaco o artigo de Fábio Goulart (2021), que estabelece uma ligação entre a obra e a subcultura gótica, permitindo, a partir deste entendimento, analisar as simbologias

da melancolia e da morbidez na caracterização da personagem: uma mulher pálida, magra, que se veste de preto, com cabelos e maquiagem da mesma cor, com destaque para seu delineado. Em seu pescoço, a Morte carrega um pingente na forma de um *anhk*, símbolo hieroglífico egípcio que simboliza a vida.

2. METODOLOGIA

Márcia Tavares Chico (2020) propõe um método para a análise de HQs, proporcionando uma forma de sistematizar a compreensão do que diz respeito às narrativas e a ligação entre texto e imagem. Chico estabelece três etapas, sendo elas: análise estrutural, através dos aspectos visuais e estéticos da HQ; análise contextual, buscando compreender o contexto histórico externo e interno das obras; e, por último, a análise qualitativa baseada nos dados, na qual se devem juntar os dados colhidos nas duas primeiras etapas analisando suas conexões.

Tendo em vista essa perspectiva, em paralelo às leituras dos autores já indicados, foi realizada uma análise preliminar das obras estudadas e de outras obras dos mesmos autores, para ser possível compreender e analisar seus estilos e poéticas. De Peeters foi estudada *Oleg* (2020), também escrita em perspectiva autobiográfica. Já no caso de Gaiman, foram analisadas as histórias da personagem Morte na revista *The Sandman*, publicadas em 1989 e 1990, e as duas minisséries da personagem: *O Alto Preço da Vida*, de 1993, e *O Grande Momento da Vida*, de 1996, todas compiladas junto à obra analisada em um único volume (GAIMAN, 2018). A partir dessas informações, procedeu-se à análise das obras que constituem a investigação segundo o método de Chico (2020), e na sequência, tais considerações foram aproximadas de forma comparativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da leitura das obras, foi possível analisar suas narrativas, relacionando tais aspectos com seus contextos históricos e com a distinção entre suas naturezas, a saber, autobiográfica e informativa. A HQ *Pílulas Azuis* narra a vida do autor Frederik Peeters que, em uma jornada autobiográfica, conta a história de sua família, na qual a esposa Cati e o enteado, chamado pelo apelido Lobinho ao longo da obra, convivem com o HIV, constituindo uma família sorodiscordante. A narrativa se desenvolve a partir dessa condição, trazendo questões sobre a relação amorosa do casal e de sua família, mas também trechos bastante informativos sobre o HIV/aids.

O uso de metáforas na HQ é notório, como quando Peeters, após passar por uma consulta e descrever seus receios ao médico, é informado de que as chances dele se infectar com o HIV são as mesmas que as dele encontrar um rinoceronte, animal que ele enxerga em seguida ainda na presença do profissional. Seguindo com as metáforas, em dado momento da história, Peeters se depara com um mamute, remetendo à expressão “um elefante na sala”, o que denota um assunto inconveniente que precisa ser abordado, mas que ninguém tem coragem de enfrentar. Ao longo do trajeto pelo parque, o autor e o mamute seguem dialogando sobre as questões que circulam na cabeça de Peeters. Outra metáfora se encontra no trecho em que Cati está enrolada com arames farpados. A presença desse objeto pode representar o receio que a personagem tem em relação ao risco que seu corpo oferece, simulando o risco, a distância e um possível isolamento.

Com base na análise estrutural, é possível destacar a capa, uma ilustração de Peeters e Cati sentados em um sofá, carregado por ondas azuis em um fundo majoritariamente laranja, que são cores complementares. Já nas folhas de guarda, é possível observar ilustrações também em azul, que apresentam todos os integrantes da família, incluindo a filha de Cati e Peeters, que não aparece ao longo da narrativa, mas sim no conto extra que finaliza o livro. As linhas que delimitam os quadrinhos são desenhadas de maneira irregular, com alterações de espessura e curvas sutis, sugerindo, no entanto, a forma de quadrados. O uso do preto e branco destaca aspectos como a espessura dos traços, certas regiões completamente pintadas de preto e diversas hachuras que auxiliam na sombra e no volume dos cenários. É possível determinar o período temporal após o avanço das medicações antirretrovirais, tanto no contexto interno quanto no externo, tendo em vista que, em diversos momentos, as medicações e as prevenções são colocadas em pauta, como, por exemplo, no próprio título "Pílulas Azuis", que faz menção aos medicamentos utilizados por Cati e seu filho.

Já em *A Morte Fala da Vida*, HQ curta de caráter bastante informativo, a personagem principal, Morte, traz outra perspectiva em torno da doença, focando exclusivamente na prevenção. Na capa, a Morte é ilustrada em linhas finas e soltas, com espessura variável, contando com grandes áreas cobertas de preto; a personagem avisa sobre os assuntos tratados na HQ, preparando o leitor para o teor da obra. Ao longo da narrativa, a protagonista utiliza o humor para apresentar os métodos preventivos. Em termos visuais ela se aproxima bastante do trabalho anterior, pois apresenta linhas levemente onduladas para delimitar os quadrinhos e o uso majoritário do preto e branco, que compõe com elementos de tonalidade bege, como nos cenários onde a Morte é apresentada, nas vestes do personagem John Constantine, em partes de um globo terrestre e outros elementos. Merece destaque nas páginas 2 e 3 objetos com tal coloração que compõem ao lado da personagem, respectivamente, uma seringa e um preservativo.

Partindo para as informações contextuais, é possível estabelecer que a HQ foi escrita e publicada antes do avanço do tratamento, no entanto, a história não apresenta um tempo histórico explícito internamente na narrativa. Destaca-se que a personagem, oriunda das histórias do universo de Sandman, é a própria encarnação da morte, e nesse sentido, é curioso vê-la falar sobre a doença, posicionando-se favorável à disseminação de formas de prevenção, o que pode ser exemplificado pelas suas orientações sobre como utilizar o preservativo.

Para além das semelhanças formais entre as histórias, como o uso do preto e branco, que indica sobriedade devido à ausência de cores do círculo cromático (SILVEIRA, 2015), é possível refletir sobre as semelhanças e diferenças conceituais de cada uma. Em ambas as histórias, o foco principal é uma narração de seus respectivos protagonistas que, com interesse semelhante, abordam a aids de maneira humanizada, instruindo sobre os cuidados tanto com a prevenção da doença quanto com as pessoas que convivem com o vírus, tendo como auxílio a recorrente, no caso da obra de Peeters, a apresentação de metáforas, como o encontro com o rinoceronte, e no caso da obra de Gaiman, a inusitada defesa da vida empreendida pela Morte encarnada. As histórias também divergem durante a narrativa, enquanto *Pílulas Azuis* narra um romance com cenas informativas, *A Morte Fala da Vida* tem o papel de informar os leitores a se protegerem diante da transmissão da doença.

4. CONCLUSÕES

Por meio desta pesquisa, é possível concluir que, nas HQs investigadas, embora as narrativas tenham sido produzidas em épocas distintas, os períodos pré e pós-coquetel, ambas compartilham um caráter informativo: em *A Morte Fala da Vida*, a protagonista tem por objetivo instruir a prevenção; já em *Pílulas Azuis*, o autor e protagonista explicita métodos de prevenção, mas também de como conviver com a doença, reforçando o entrelaçamento entre o aspecto contextual e as discussões conceituais da obra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. H. A. **Miasmas e metáforas da aids nas Artes Visuais**. Rio Grande: Editora da FURG, 2021.

CHICO, M. T. **Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos**. Cadernos UniFOA, Volta Redonda, n. 43, p. 121-131, abril, 2020.

GAIMAN, N. **Morte: Edição Definitiva**. São Paulo: Panini Books, 2018.

GOULART, F. O. **O Gótico e a Morte: Uma Arqueologia nas Histórias em Quadrinhos da Morte, de Neil Gaiman**. Rio Grande: Revista Arqueológica Pública, 2021.

MIRANDA, L. M. G. **Estigmas e Metáforas em Pílulas Azuis de Frederik Peeters**. 2019. Monografia. Curso de Letras Inglês da Faculdade de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá.

PEETERS, F. **Pílulas Azuis**. São Paulo: Nemo, 2015.

PEETERS, F. **Oleg**. São Paulo: Nemo, 2021.

SILVEIRA, Luciana. **Introdução à teoria da cor**. 2. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, Alexandre Nunes de. **Da epidemia discursiva à era pós-coquetel: Notas sobre a memória da Aids no cinema e na literatura**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL, 2., Rio de Janeiro, 2016. Anais [...]. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016, n.p. Disponível em: <http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B019-ALEXANDRE-NUNES-DE-SOUSA-normalizado.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021